

Língua Portuguesa II

Solange Mendonça Montalvão



São Cristóvão/SE
2009

Língua Portuguesa II

Elaboração de Conteúdo
Solange Mendonça Montalvão

Projeto Gráfico e Capa
Hermeson Alves de Menezes

Diagramação
Lucas Barros Oliveira

Reimpressão

Copyright © 2008, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

**FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Montalvão, Sobrenome Mendonça.
M762l Língua portuguesa II / Solange Mendonça
Montalvão -- São Cristóvão: Universidade Federal de
Sergipe, CESAD, 2008.
v.2.

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 2. Lingüística.
3. Morfologia. 4, Verbo. I. Título.

CDU 811.134.3

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Chefe de Gabinete

Ednalva Freire Caetano

Ministro da Educação

Fernando Haddad

Coordenador Geral da UAB/UFS**Diretor do CESAD**

Antônio Ponciano Bezerra

Secretário de Educação a Distância

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-coordenador da UAB/UFS**Vice-diretor do CESAD**

Fábio Alves dos Santos

Reitor

Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor

Angelo Roberto Antonioli

Diretoria Pedagógica

Clotildes Farias (Diretora)

Hérica dos Santos Mota

Iara Macedo Reis

Daniela Souza Santos

Janaina de Oliveira Freitas

Núcleo de Avaliação

Guilhermina Ramos (Coordenadora)

Carlos Alberto Vasconcelos

Elizabete Santos

Marialves Silva de Souza

Diretoria Administrativa e Financeira

Edélzio Alves Costa Júnior (Diretor)

Sylvia Helena de Almeida Soares

Valter Siqueira Alves

Núcleo de Serviços Gráficos e Audiovisuais

Giselda Barros

Núcleo de Tecnologia da Informação

João Eduardo Batista de Deus Anselmo

Marcel da Conceição Souza

Coordenação de Cursos

Djalma Andrade (Coordenadora)

Assessoria de Comunicação

Guilherme Borba Gouy

Núcleo de Formação Continuada

Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Coordenadores de Curso

Denis Menezes (Letras Portugues)

Eduardo Farias (Administração)

Haroldo Dorea (Química)

Hassan Sherafat (Matemática)

Hélio Mario Araújo (Geografia)

Lourival Santana (História)

Marcelo Macedo (Física)

Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

Coordenadores de Tutoria

Edvan dos Santos Sousa (Física)

Geraldo Ferreira Souza Júnior (Matemática)

Janaina Couvo T. M. de Aguiar (Administração)

Priscilla da Silva Góes (História)

Rafael de Jesus Santana (Química)

Ronilse Pereira de Aquino Torres (Geografia)

Trícia C. P. de Sant'ana (Ciências Biológicas)

Vanessa Santos Góes (Letras Portugues)

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Menezes (Coordenador)

Edvar Freire Caetano

Isabela Pinheiro Ewerton

Lucas Barros Oliveira

Neverton Correia da Silva

Nycolas Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"

Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze

CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE

Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

AULA 1	
Palavras e modelos linguísticos	07
AULA 2	
Lexema e palavra morfossintática	21
AULA 3	
O lexema verbo I	37
AULA 4	
O lexema verbo II	55
AULA 5	
Gramemas relatores: preposições	81
AULA 6	
Sintagma adjetival e sintagma preposicionado	93
AULA 7	
A estrutura do sintagma verbal e os padrões frasais	104
AULA 8	
Predicado: classificação do predicado e do predicativo	115
AULA 9	
Complemento verbal: objeto direto	125
AULA 10	
Complemento verbal: objeto indireto	135

PALAVRA E MODELOS LINGUÍSTICOS

META

Discorrer sobre os conceitos de palavra e sobre os principais modelos de análise linguística.

OBJETIVOS

Ao final da aula, o aluno deverá:

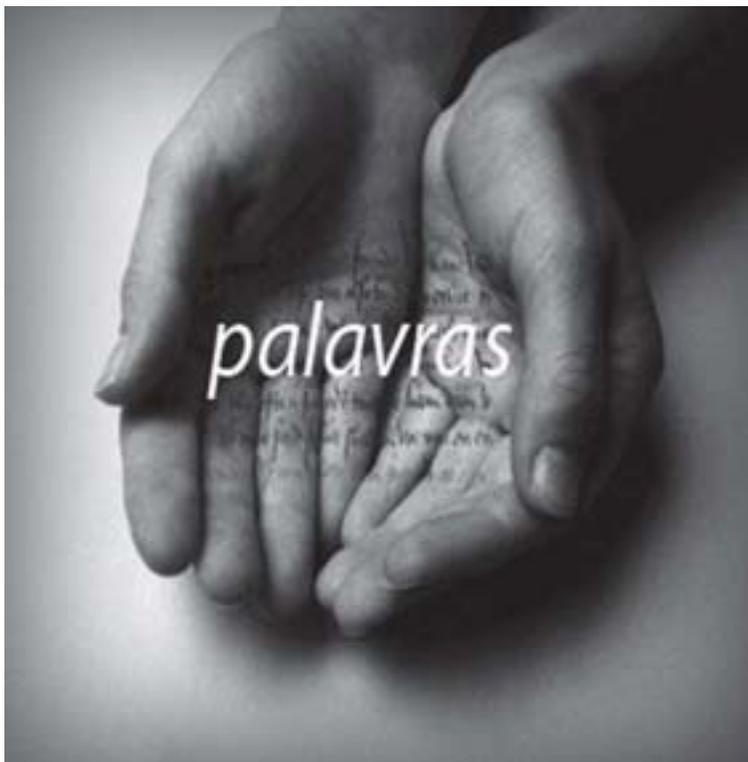
estabelecer as devidas diferenças entre os modelos de Palavra e Paradigma e de Item e Arranjo;

reconhecer as diferenças entre a palavra fonológica e o vocábulo formal ou mórfico;

explicitar o entendimento relativo ao conceito de palavra ou lexema.

PRÉ-REQUISITOS

Língua Portuguesa I.



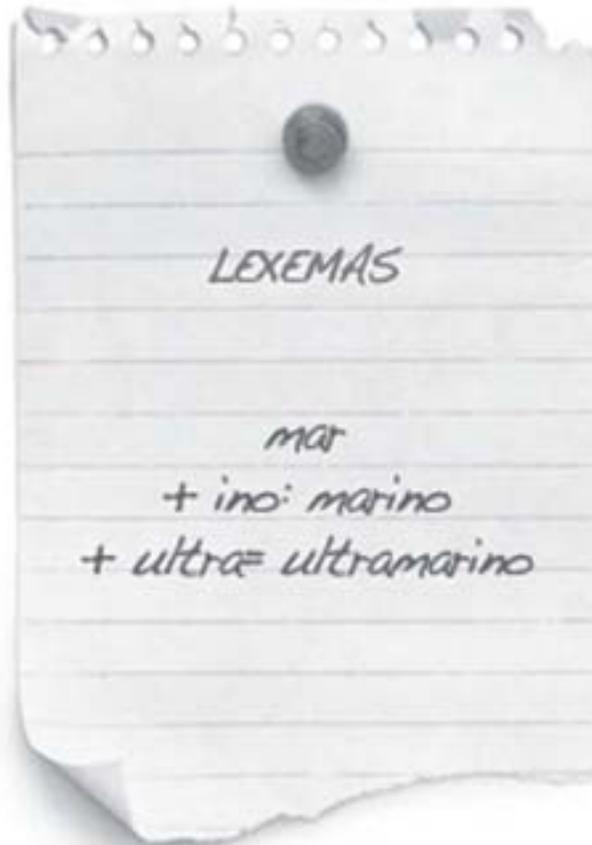
(Fonte: <http://www.gettyimages.com>).

INTRODUÇÃO

Prezados alunos, neste nosso primeiro contato, desejo que vocês continuem motivados para o estudo da Morfossintaxe da língua portuguesa. Haverá entre nós, neste semestre, uma parceria de trabalho e devemos torná-la a mais agradável possível. A nossa motivação recíproca é fundamental.

A busca de conhecimento se autojustifica. Entretanto, desvendar a estrutura morfossintática da língua portuguesa é um desafio a todos aqueles que perseguem o grau de licenciatura em língua portuguesa.

O exercício do magistério depende, inclusive, dos conhecimentos adquiridos na graduação; além disso, a sólida formação então adquirida irá ajudá-los necessariamente nos estudos de pós-graduação, o que repercutirá não só na realização profissional, mas ainda na auto-estima.



(Fonte: <http://www.lengua.laguia2000.com>).

Compreender as diferentes acepções de palavra implica uma retrospectiva relativa às reflexões sobre a linguagem no mundo ocidental e uma síntese de modelos de análise linguística.

UM POUCO DE HISTÓRIA

No Ocidente, foram os gregos os primeiros a investigar a linguagem. O interesse pela Filosofia acarretou o interesse pela linguagem, pois, como vocês devem ter tomado conhecimento no curso de Linguística, acreditavam os gregos que a sua língua (o grego falado em Atenas) refletia a realidade. Dessa forma, procuraram analisar essa língua como possibilidade de compreender a realidade circundante. Somente por volta de 170 a 90 a. C., aparece a *Técnica Gramatical* de Dionísio da Trácia. Essa obra apresenta relativa independência no tocante à Filosofia, e sua análise do grego (koiné) se volta à Fonética e à Morfologia principalmente. A sintaxe está contemplada na obra de Apolônio Díscolo. O estudo do material linguístico deixado pelos gregos permitiu aos linguistas a apreensão do modo através do qual esse povo realizou os seus estudos acerca da linguagem. Nessa perspectiva, denominaram o modelo aplicado nessas análises de modelo de Palavra e Paradigma.

O MODELO DE PALAVRA E PARADIGMA

Esse modelo acarretou análises centradas na palavra e nas variações por ela sofridas no sentido de expressar as diversas categorias gramaticais. Essas possibilidades de variação de uma palavra eram entendidas como o seu paradigma. É importante lembrar que “Nos trabalhos sobre morfologia, categoria costuma manter o significado *de conjunto de propriedades* que se associam a determinada parte do discurso como Caso, Pessoa, Tempo, Modo, Aspecto, Voz, Gênero, Número...” (ROSA, 2000, p.92). Vejamos um exemplo, utilizando-nos da classe dos verbos da língua portuguesa: um verbo como ‘amar’ seria considerado, na configuração própria do infinitivo, uma palavra, e todas as formas flexionadas a ela relacionadas – que constituem a sua conjugação – seriam consideradas o seu paradigma.

Esse modelo de análise ainda hoje é adotado em grande parte das nossas gramáticas escolares.

DECLÍNIO DA IMPORTÂNCIA DA PALAVRA

No início do século XX, os linguistas questionaram a noção de palavra, alegando a falta de uniformidade de critérios relativos à sua definição. Há, inclusive, a afirmação de que os “critérios têm suas limitações, não podendo ser aplicados automaticamente”. (LAROCA, 1994, p.21).

Maria Nazaré de Carvalho Laroça

Mestra em Linguística e Filologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É professora aposentada da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Na perspectiva das dificuldades encontradas relativas à definição de palavra, cabe a indagação seguinte:

Em uma frase como ‘Encontrei-o’, quantas palavras é possível depreender?

A resposta a essa pergunta vai depender da ótica adotada na segmentação da frase.

ÓTICA FONÉTICO-FONOLÓGICA

Como vocês observaram, ao estudar a disciplina Fonologia da Língua Portuguesa, é possível a depreensão de vocábulos ou palavras segundo critérios fonético-fonológicos, já que “No nível fonológico, o chamado vocábulo fonológico corresponde a uma divisão intermediária entre a sílaba e o grupo de força”. (LAROÇA, 1994, p.22). Assim, as sílabas pronunciadas como um todo, no sentido de se apoiarem em uma única sílaba tônica, constituem um só vocábulo, uma só palavra fonológica.

Retomando a frase ‘Encontrei-o’, nela detectamos apenas uma sílaba tônica ‘trei’. Temos, como pretônicas, as sílabas ‘en’ e ‘con’. Em posição postônica, pronunciado como uma sílaba átona final, temos o ‘o’ (pronomes pessoal do caso oblíquo) evidentemente em posição enclítica. Conforme Mattoso Câmara, se atribuímos o grau 3 de tonicidade à sílaba tônica ‘trei’, o grau de tonicidade 1 às sílabas átonas pretônicas ‘en’ e ‘con’ e o grau 0 à sílaba átona final – o ‘o’ enclítico –, chegaremos à seguinte pauta acentual: 1130. Essa pauta é condizente com a palavra fonológica.

Vimos assim, que, numa perspectiva fonético-fonológica, na frase estudada, encontramos uma única palavra.

ÓTICA MORFOLÓGICA

A análise fonético-fonológica, como vimos, é um caminho no sentido de definir e de delimitar a palavra. A perspectiva morfossintática, por sua vez, encaminha análises cujos resultados divergem daqueles apresentados pela Fonologia.

Retomemos a frase ‘Encontrei-o’. A análise morfológica vai aí depreender duas palavras distintas: um verbo e um pronome. O verbo é depreendido através das suas propriedades morfológicas: a marca {-i}, referente às categorias gramaticais da pessoa e do número (primeira pessoa do singular). O pronome é reconhecido morfológicamente, por manifestar-se na forma ‘o’, da qual se depreendem as propriedades de masculino e de singular, referentes às categorias gramaticais do gênero e do número.

ÓTICA SINTÁTICA

Nessa perspectiva, o verbo ‘Encontrei’ é reconhecido por relacionar-se com o pronome pessoal do caso reto ‘eu’. Esse modo de reconhecer verbos é congruente com a afirmação de que “apenas verbos articulam-se com os pronomes do caso reto”. (SAUTCHUK, 2004, p. 20).

Na frase examinada, o ‘o’ é entendido como pronome, em razão da sua função de substituição (substitui qualquer nome masculino e singular) e é considerado do ‘caso oblíquo’ por não exercer a função de sujeito e sim a de complemento verbal (objeto direto).

PROPOSTA DE MATTOSO CÂMARA

Conforme o pensamento de Mattoso Câmara, ao analisarmos a construção ‘Encontrei-o’, obteremos dois vocábulos formais ou mórficos: ‘encontrei’ e ‘o’.

Vocábulos formais ou mórficos são unidades com autonomia comunicativa (formas livres) ou vocábulos que, embora destituídos de autonomia comunicativa (formas dependentes), apresentam possibilidade de permutação.

Vejam os que vêm a ser unidades com autonomia comunicativa: essas unidades são construções lingüísticas que funcionam como frases. A apreensão dessas unidades se mostra claramente pela técnica de pergunta e resposta. Tomemos a frase ‘Encontrei-o’.

Aplicação da técnica

- Você encontrou o livro?
- Encontrei.

Assim, reconhecemos ‘Encontrei’ como uma unidade com autonomia comunicativa, um vocábulo formal que é uma forma livre.

A propriedade de permutação diz respeito à possibilidade que as formas dependentes têm, no sentido de mudarem de lugar na frase. Tomando como exemplo ‘Encontrei-o’, podemos afirmar que ‘o’ é uma forma dependente, pois, se a frase adquirisse uma feição enfática, com a presença do pronome pessoal do caso reto ‘eu’, poderíamos ter duas possibilidades de construção.

- Eu encontrei-o.
- Eu o encontrei.

Assim, na frase ‘Encontrei-o’, apreendemos dois vocábulos formais: a forma livre ‘Encontrei’ e a forma dependente ‘o’.

Voltando ao conceito de palavra, percebemos que sua conceituação e consequente apreensão dependem do ponto de vista adotado pelo estudioso.

André Martinet

O DOMÍNIO DOS MORFEMAS

Linguista francês conhecido internacionalmente. Suas obras contemplam não só problemas relacionados à linguística geral, mas também estudos fonético-fonológicos. Como cate-drático de Lin-guística Geral na Sorbonne, fundou em 1965 a revista *La Linguistique*.

Diante das evidências relativas às dificuldades de conceituação e, conseqüentemente, de delimitação da palavra, a Linguística do século XX substituiu a importância ocupada pela palavra – no modelo de Palavra e Paradigma (PP) pela relevância dada aos morfemas.

Lembrando o que vocês já estudaram em Linguística, morfema é uma unidade significativa mínima a que chegamos na segmentação de uma frase e/ou enunciado da língua. Essa unidade mínima significativa é também chamada de monema. “Um monema é o menor segmento de discurso ao qual se pode atribuir um sentido”. (MARTINET, 1971, p.13). Os monemas foram subcategorizados por Martinet em lexemas – morfemas de significação cultural ou bio-social – e morfemas – monemas de significação gramatical ou linguística. Os morfemas estão, assim, a serviço do funcionamento da língua, a exemplo daqueles que permitem a atualização das categorias gramaticais do gênero, do número (nos nomes) e, principalmente, das de modo, tempo, número e pessoa, nos verbos.

A Linguística, de modo geral, utiliza-se de uma nomenclatura mais econômica.

- Morfemas (quaisquer unidades mínimas significativas)
- Morfemas lexicais (correspondentes aos lexemas de Martinet)
- Morfemas gramaticais (correspondentes aos morfemas de Martinet).

Convém lembrar que alguns linguistas se utilizam do termo morfema no que respeita às unidades mínimas significativas, independentemente de sua significação ser cultural ou linguística. Preferimos utilizar as expressões morfemas lexicais e morfemas gramaticais, por entender que elas permitem maior clareza.

Tomemos agora, de forma bastante simplificada, exemplos referentes à nomenclatura abordada. Em um verbo como ‘falas’ é possível a apreensão de três morfemas, ou seja, três unidades mínimas significativas. Vejamos então esses morfemas, representados entre chaves, conforme a convenção utilizada pelos linguistas:

- {fal-} → morfema lexical (lexema, segundo Martinet)
- {-a-} → morfema gramatical (morfema, conforme Martinet)
- {-s} → morfema gramatical (morfema, consoante Martinet).

Convém observar que os radicais, como ‘fal-’, são sempre morfemas lexicais.

Quanto ao {-a-}, sua condição de morfema decorre do fato de ser ela a vogal temática, responsável pela noção de primeira conjugação. No que se refere ao {-s-}, seu reconhecimento como morfema está associado ao fato de ser ele marca de segunda pessoa do singular.

A técnica de apreensão de morfemas será apresentada na próxima divisão desta aula.

Relembrado o conceito de morfema, passemos então ao modelo de Item e Arranjo.

MODELO DE ITEM E ARRANJO

Esse modelo de análise linguística inclui não apenas a segmentação dos morfemas, através da técnica da comutação, já vista por vocês nos cursos de Linguística e de Língua Portuguesa I, como também a detecção dos princípios que determinam a sua combinação em unidades maiores. Os morfemas estão a serviço da formação de unidades linguísticas a eles superiores.

Tomemos, como exemplo, um termo da língua portuguesa como meninas. A supressão do 's' desse termo acarreta um vazio significativo já que permite a conclusão da noção de singular em relação à categoria gramatical do número. Essa evidência nos permite também responsabilizar o 's' pela noção de plural, o que nos autoriza concluir que esse 's' é uma unidade mínima de som e significado, ou seja, um morfema.

Continuando o processo de segmentação, se isolarmos o 'a' de 'menina', encontraremos a sequência 'menin-'. Essa sequência, em virtude de ser uma forma presa (forma sem autonomia comunicativa e sem possibilidade de locomoção), receberá um 'o' (vogal temática nominal), não só no sentido de ocorrer livremente em um enunciado da língua, mas ainda no sentido de receber a marca do plural. Voltando agora a nossa atenção à sequência 'menin-' com o acréscimo do 'o' – 'menino' e adotando a perspectiva de Câmara Jr., nela não encontramos marca de gênero, pois o que nos leva a deduzir de 'menino' a noção de masculino é a ausência do 'a', ausência significativa, entendida como um morfema zero {Ø}. Dessa forma, podemos concluir que o 'a', isolado inicialmente, é marca de gênero (feminino) e, nesse sentido, um morfema.

Ainda em relação a 'menina', se a sequência 'menin-' for substituída por 'moç-' ou por 'gat-', obteremos formas portadoras de significados lexicais diferentes. Essa evidência permite concluir que 'menin-' é um morfema lexical.

Seguem-se as representações dos morfemas depreendidos.

{me'nin-} → morfema lexical

{-a-} → morfema gramatical

{-s} → morfema gramatical

O morfema {me'nin-}, como vocês já devem ter compreendido, é portador de uma significação biossocial [ser humano em processo de desenvolvimento físico e mental]. Como já foi dito, esse tipo de significação é sempre conduzido pelos radicais, sejam eles nominais ou verbais. O morfema {-a} constitui a marca de gênero (feminino), em oposição ao

Ingedore Grunfeld Vilhaça Koch

Mestre e doutora em Língua Portuguesa pela PUC – SP. É livre docente em Análise do Discurso pela Unicamp. É professora titular do Departamento de Linguística do IEL – Unicamp. Publicou várias obras nas áreas da Morfologia, da Sintaxe e da Linguística Textual e do Discurso.

masculino, forma não marcada. O morfema {-s}, por sua vez é a marca de gênero (plural) em oposição ao singular, forma não marcada.

Até agora, em relação a ‘meninas’, consideramos os seus morfemas, primeira etapa da análise alicerçada no modelo de Item e Arranjo. Esse modelo, inclui ainda a explicitação da maneira através da qual esses constituintes se combinam, ou seja, os seus padrões estruturais. Assim, no que respeita a ‘meninas’, a combinação não é aleatória. Os seus constituintes imediatos são ‘menina’ e o morfema {-s}, uma vez que, nos padrões nominais da língua portuguesa, há a exigência de que a marca de número esteja após a marca de gênero. No termo ‘menina’, depreende-se ainda uma ordenação, já que o morfema que é marca de gênero {-a} ocorre necessariamente após o morfema lexical {me’nin-}.

Essa organização, esse arranjo dos morfemas, corresponde a um dos padrões nominais da língua portuguesa. E podemos ainda dizer que “tem-se condições para determinar a estrutura dos vocábulos em português, os quais podem ser constituídos de (...) morfema lexical (\pm vogal temática) + morfemas flexionais”. (INGEDORE, 1985, p. 31).

Conforme vimos, as análises concernentes do modelo de Item e Arranjo estão centralizadas na noção de morfema.

Maria Carlota Rosa

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Exerce o magistério nos programas de graduação e pós-graduação – mestrado e doutorado em Linguística – na Faculdade de Letras dessa Universidade. Tem obras publicadas no Brasil e no exterior. Seu trabalho contribui de maneira bastante significativa, principalmente no que respeita à Morfologia.

RETOMADA DA IMPORTÂNCIA DA PALAVRA

Durante as décadas de setenta, de oitenta e de noventa, principalmente no campo de Morfologia Derivacional – parte da Morfologia que trata dos processos de formação de palavras, foram detectadas dificuldades relativas à depreensão de morfemas. Os estudiosos detectaram obstáculos, segundo **Maria Carlota Rosa**, na atribuição de significado a formas mínimas recorrentes com ‘ceb-’ de ‘receber’ de ‘conceber’ ou ‘-duz’ de conduzir, de induzir. Assim, duas possibilidades ocorrem aos linguistas: “a) não considerar tais formas (...) como elementos isolados, apesar das recorrências; b) não considerar a atribuição de significado como elemento para considerar ou não uma seqüência como morfema”. (BASÍLIO, 1974a, p. 85). A linguística, de modo geral, não considera viável qualquer desses caminhos: “Qualquer dessas soluções é indesejável”. (ROSA, 2000, p. 68).

Assim, os estudiosos passaram a procurar respostas acerca dos processos de formação de palavras acionados pelos falantes e concluem que “Os processos produtivos de formação de palavras (...) atuam sobre palavras existentes na língua”. (ROSA, 2000, p. 68). É importante dizer que produtividade é a formação de palavras por determinada regra, que é chamada *Regra de Formação de Palavra*. Um exemplo de regra de formação de palavra seria dizer que, se aplicarmos, por exemplo, o ‘-ção’ a um verbo, teremos um substantivo formado a partir desse verbo

mais o sufixo considerado. Vejamos um exemplo. Em determinado momento, na língua portuguesa, deve ter havido a aplicação da regra considerada no que concerne à palavra educação.

‘educar + -ção’ → educação.

No que respeita aos processos de formação de palavras, o léxico é entendido como “o conjunto de palavras que está disponível para a atuação das regras da morfologia”. (ROSA, 2000, p.88).

Vejam vocês que as atenções se voltam agora à palavra. Esse novo interesse acarretou uma nova acepção de palavra. Essa nova compreensão de palavra a entende como “uma unidade abstrata do léxico”. (LAROCCA, 1994, p.23). As palavras léxicas, também chamadas de lexemas (conceito diferente daquele referente ao lexema de Martinet), estão incluídas no conhecimento que o falante tem de sua língua. Um lexema como VENDER (os lexemas são representados em caixa alta) é uma abstração, pois inclui todas as possibilidades relacionadas a esse lexema no que respeita às propriedades morfossintáticas a ele relacionadas. No modelo de Paradigma e Palavra, desenvolvido pelos gregos, a noção de palavra não atinge esse nível de abstração, já que não se tem conhecimento de distinção entre a palavra entendida como possibilidade e a palavra atualizada, ou seja, posta em enunciados orais ou escritos. Convém esclarecer que a palavra léxica ou lexema difere, por exemplo, do emprego do infinitivo impessoal, que ocorre, por exemplo, na frase seguinte:

Amar é a salvação da humanidade.

A representação da palavra léxica ou lexema, no tocante aos verbos, corresponde à forma do infinitivo impessoal, e, como qualquer outro lexema, deve ser apresentado em letras caixa-alta. Em relação à frase exemplificada, o lexema verbal é assim representado: AMAR.

Margarida Basílio

Graduada em Letras Clássicas pela Universidade Católica do Rio de Janeiro. É mestre em Linguística pela mesma Universidade. É doutora em Linguística pela University of Texas At. Austin. Atualmente é professora Adjunta (inativa) da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Sua produção, na área de Linguística, se destaca na Morfologia.

CONCLUSÃO

Os estudos avançados de Língua Portuguesa, na vertente morfossintática da língua, explicam uma interseção no que respeita ao desenvolvimento dos métodos da linguística e às possibilidades de análise referentes à sua estrutura morfossintática. Vale acrescentar que o domínio dos termos mais usuais da nomenclatura da linguística, ou seja, aqueles mais utilizados no que se refere às diferentes propostas de análise da língua (portuguesa) são fundamentais, pois, sem o domínio desses conceitos, o entendimento de textos sobre a estrutura e funcionamento da língua ficará muito comprometido e não atingirá os objetivos previstos nos cursos de nível superior.



RESUMO

No Ocidente, as reflexões sobre a linguagem surgiram na Grécia, milênios a. C. Inicialmente tais indagações estavam imbricadas na Filosofia. Posteriormente, com a relativa independência dos estudos sobre a linguagem, houve o aprimoramento das análises lingüísticas que se sustentaram no modelo de Palavra e Paradigma. Esse modelo ainda persiste em grande parte das nossas gramáticas escolares. As inconsistências desse modelo, principalmente no que se refere à definição de palavra, são questionadas. Nesse sentido, na ótica fonético-fonológica, os lingüistas puderam depreender a palavra fonológica. Já as análises do Prof. Mattoso Câmara, segundo princípios do estruturalismo americano, permitiram a depreensão do vocábulo formal ou mórfico. Dessa forma se compreende o fato de os **morfemas** terem substituído a **palavra** nas investigações lingüísticas e a conseqüente adoção de modelo de **Item** e **Arranjo** neles concentrado. Nas três últimas décadas do século XX, dificuldades relativas à depreensão de morfemas implicaram o redimensionamento do conceito de morfema. Esse redimensionamento suprime do morfema a importância que lhe era dada na análise morfológica.



ATIVIDADES

1. Complete as lacunas:

- a) As primeiras reflexões sobre a linguagem, no mundo ocidental, ocorreram na _____.
- b) Inicialmente, os estudos sobre a linguagem feitos pelos gregos eram dependentes da _____.
- c) A gramática de Dionísio da Trácia inclui estudos de fonética e de _____.
- d) O modelo de _____ é depreendido das análises linguísticas feitas pelos gregos.
- e) No modelo grego, a conjugação de um verbo era considerada o seu _____.
- f) No paradigma verbal se manifestavam as _____.
- g) O modelo de _____ e _____ substituiu o modelo de Palavra e Paradigma.
- h) Os _____ são as unidades mínimas significativas.
- i) O modelo de Item e Arranjo está centrado no _____.
- j) Os monemas portadores de significação cultural são chamados de _____ por André Martinet.
- k) Para Martinet, _____ são monemas de significação gramatical.
- l) Para os linguistas, de modo geral, _____ correspondem aos lexemas de André Martinet.
- m) As dificuldades relativas à univocidade do conceito de _____ permitiram a ascensão dos _____.
- n) A depreensão da palavra fonológica é possível graças ao desenvolvimento da _____.
- o) Sequências linguísticas sem _____ mas dotadas da possibilidade de locomoção são chamadas de _____.
- p) Os vocábulos mórficos ou formais se dividem em _____ e formas dependentes.
- q) Os linguistas chamam de _____ à técnica de depreensão dos morfemas.
- r) Uma palavra fonológica apresenta uma _____ tônica.
- s) No vocábulo 'gatos' existem _____ morfemas.
- t) As dificuldades relativas à depreensão dos morfemas foram levantadas pela _____.
- u) A formação de palavras por determinada regra é chamada de _____.
- v) Palavra léxica é uma unidade _____ do léxico.

2. Estabeleça diferença entre palavra fonológica e forma livre.
3. Qual a diferença entre a noção de palavra adotada no modelo de Palavra e Paradigma e aquela referente à morfologia derivacional?
4. Leve, breve, suave,

Um canto de ave
Sobe no ar (...)

(PESSOA, 1987: 74).

- I) Nesse trecho, há _____ palavras fonológicas.
- II) Transcreva duas palavras fonológicas que não constituem vocábulos formais ou mórficos.
- III) Transcreva três palavras fonológicas que são também vocábulos formais ou mórficos.
- IV) Justifique sua resposta.

5. “Já não vivi em vão.
Já escrevi bem
Uma canção”.

(PESSOA, 1987: 383).

- I) Sublinhe os verbos da passagem transcrita.
- II) Estabeleça possíveis relações entre esses verbos e o conceito de palavra léxica ou lexema.

PRÓXIMA AULA

Retomaremos e desenvolveremos o estudo da palavra léxica na aula seguinte. Nesta mesma aula, estudaremos também a palavra morfossintática.

**REFERÊNCIAS**

- BASÍLIO, Margarida. **Estruturas lexicais do Português, uma abordagem gerativa**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- KOCH, Ingedore V.; SILVA, Maria Cecília P. de S. **Lingüística aplicada ao Português: morfologia**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1985.
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. **Manual de morfologia do Português**. Campinas, Pontes; Juiz de Fora, UFJF, 1994.
- MARTINET, André. **A lingüística sincrônica**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1971.
- ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.